

Globethics Repository



O Dialogo inter-religioso e a Alianca de Civilizacdes [The interreligious Dialogue and the Alliance of Civilizations]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Tamayo, Juan Jose
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-07-14 01:51:16
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/162929

O Diálogo Inter-religioso e a Aliança de Civilizações

Por Juan José Tamayo

Juan José Tamayo é diretor da cátedra de Teologia e Ciências das Religiões da Universidade Carlos III de Madri, e autor de, entre outros, **Fundamentalismo y diálogo entre religiones**. Madri: Trotta, 2004. De Juan José Tamayo, publicamos a entrevista que nos concedeu na edição 129ª do *IHU On-Line*, de janeiro de 2005, sob o título *Refundando a Teologia da Libertação*, um artigo sobre Dom Oscar Romero, na 133ª edição, de 21 de março de 2005, e outro artigo sobre pluralismo religioso, na 147ª edição, de 27 de junho de 2005. O artigo que segue, por nós traduzido, foi publicado no jornal *El País*, em 11 de setembro de 2005. Os subtítulos são nossos.

São cada vez em maior número os organismos internacionais e as personalidades mundiais que expressam seu apoio à Aliança de Civilizações, proposta pelo presidente do governo espanhol, José Luis Rodríguez Zapatero, em setembro de 2004, na 59ª Assembléia Geral das Nações Unidas, co-patrocinada por Recep Tayyip Erdogan, primeiro ministro da Turquia, fundador e líder do Partido Islâmico Moderado da Justiça e do Desenvolvimento. Respalhada por uma vintena de países, pela Liga Árabe e pela Organização da Conferência Islâmica, contou com o apoio institucional do secretário geral da ONU, Kofi Annan. Para o desenvolvimento da iniciativa, este tem praticamente ultimado um grupo de alto nível integrado por personalidades relevantes da política, da cultura e das religiões, co-presidido pelo espanhol Federico Mayor Zaragoza e o turco Mehmet Aydyn. A proposta contou com a recusa de José Maria Aznar, que a qualificou de estupidez, e com a falta de entusiasmo do presidente dos USA. O que não é de estranhar, já que ambos estão

identificados com a proposta do choque de civilizações de Huntington³⁷, que se converteu no guia da política de Bush, com a necessária colaboração de Tony Blair.

O diálogo entre as civilizações

O primeiro a fazer uma proposta semelhante foi o intelectual francês marxista, depois convertido ao islã, Roger Garaudy, faz três décadas, em sua emblemática obra *Diálogo de civilizações* (Cuadernos para el Diálogo, Madri, 1977)³⁸. A história da humanidade no futuro, dizia Garaudy então, não pode centrar-se no Ocidente, que nunca demonstrou uma superioridade cultural, mas se caracterizou por uma utilização militar e agressiva das técnicas das armas

³⁷ Nota de rodapé: Samuel Huntington, natural dos EUA, é autor do polémico livro *O Choque das Civilizações e a recomposição da nova ordem mundial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁸ Em português: GARAUDY, Roger. *O Ocidente é um acidente: por um diálogo das civilizações*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1983. (Nota da *IHU On-Line*)

e do mar. Um projeto planetário para o futuro só pode nascer de todos, mediante um diálogo de civilizações que, “no plano da cultura nos ajuda a nos abrir a horizontes infinitos”. Um pouco mais de duas décadas após retomava a proposta Muhammad Jatami, presidente do Irã de 1997 a 2005, e a reiterava numa entrevista por ocasião de sua visita à Espanha em 2002: “De fato, as civilizações não tiveram guerras entre elas. Ao contrário, a civilização islâmica herdou muito das civilizações persa, romana, grega, hindu, chinesa..., e logo a civilização ocidental também se deixou influenciar pela civilização islâmica... Hoje, no mundo islâmico, podemos aproveitar muitos dos êxitos do Ocidente”.

O diálogo entre as religiões

Um dos campos que não deve descuidar a Aliança das Civilizações é o Diálogo entre as Religiões. Vejamos por quê. As religiões constituem o núcleo duro das culturas e das civilizações e, com frequência, são as mais resistentes ao diálogo. Nelas nasceram e se desenvolveram os distintos fundamentalismos, que se declaram em guerra contra a modernidade, a secularização, a laicidade e o pluralismo religioso e cultural, ao mesmo tempo que se convertem numa grande ameaça para a convivência cívica. A história demonstra que as religiões, em sua maioria, se sentiram mais cómodas em regimes ditatoriais, os quais têm legitimado de distintas formas, como em estados laicos, cujo derrocamento têm apoiado não poucas vezes. A organização interna das religiões não se caracteriza nem pelos hábitos democráticos, nem pelo reconhecimento dos direitos humanos. Pelo contrário, quase todas se estruturam de maneira hierárquico-piramidal e se configuram como verdadeiros “patriarcados”.

A relação entre religião e violência

Tem-se acusado as religiões, e creio que com razão, de fomentar atitudes violentas entre os seus seguidores, convertidos, com frequência, em “cruzados” e, inclusive, de haver sido fontes de violência. Para isso, não é preciso mais do que recorrer aos seus textos sagrados. A Bíblia hebraica, afirma Norbert Lohfink³⁹, é um dos livros mais repletos de sangue da literatura mundial. Chegam a mil os textos que se referem à ira de Javé que se acende e castiga com a morte. Na Bíblia cristã, observa o mesmo autor, o acontecimento central é a monstruosa ação sangrenta do assassinato de Jesus de Nazaré, em que também aparece a imagem de um Deus sanguinário, ao menos de maneira indireta, na interpretação que alguns textos oferecem da morte de Cristo. Muitas imagens do Alcorão sobre Alá não são menos violentas que as da Bíblia judaica e da cristã. O Alá de Muhammad, como o Javé dos profetas, se mostra implacável com os que nele não crêem. As religiões também têm se manifestado contra a liberdade religiosa, até impor a pena de morte aos apóstatas, em clara contradição com o Deus da vida em quem dizem crer, e a favor da discriminação dos seres humanos em função de suas crenças.

As tradições religiosas que incitam à violência ou a justificam, e as que discriminam as mulheres e os não-crentes, não podem impor-se como normativas aos seus seguidores, devem ser excluídas das práticas das religiões, bem como do imaginário coletivo da humanidade. Isso exige levar a cabo uma interpretação dos textos sagrados com base na perspectiva dos direitos humanos.

³⁹ Norbert Lohfink: exegeta alemão, jesuíta. Autor de inúmeros livros sobre a exegese dos livros judaicos, é especialista no livro do Deuterônomo. (Nota da *IHU On-Line*)

Religião: fonte de cultura e sabedoria

Mas as religiões têm seu pólo positivo. São um dos caudais culturais mais apreciados da humanidade e uma fonte inesgotável de sabedoria. Nelas se encontram algumas das grandes questões antropológicas e cósmicas que o ser humano levantou desde as origens da humanidade, questões sobre a origem e o futuro do universo e outras tantas tentativas de resposta que contribuíram para o desenvolvimento do pensamento em suas diferentes modalidades: mítico, filosófico, científico, simbólico, etc. O espírito religioso, dizia Ernst Bloch⁴⁰, é algo mais que ideologia e alienação; é a manifestação mais intensa e radical da esperança: “Onde há esperança, há religião”. O que define as religiões é a relação direta, pessoal e gratuita com a divindade ou com as divindades, e a solidariedade com o próximo. Elas contam com importantes tradições pacificadoras e com personalidades comprometidas na luta pela paz e pelos direitos humanos: Buda, Confúcio, Jesus de Nazaré, Francisco de Assis, Luther King, Dalai Lama, Shirim Ebadi⁴¹, Ellacuría⁴², etc.

⁴⁰ Ernst Bloch: considerado um dos grandes filósofos alemães do século XX, foi um marxista heterodoxo que construiu vasta obra que ressalta o papel da utopia na história do homem. Seu livro *O Princípio Esperança*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005, foi destacado na editoria *Livro da Semana* da 151ª edição da revista *IHU On-Line*, de 15 de agosto de 2005, com a realização de duas entrevistas sobre a obra: uma com o tradutor do livro, Nélcio Schneider, e outra com o professor da UFRGS, Edson Sousa. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴¹ Shirim Ebadi: advogada iraniana, vencedora do Prêmio Nobel da Paz de 2003, por seu trabalho especialmente focado no esforço pelos direitos das mulheres e das crianças. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴² Ignácio Ellacuría: filósofo, especialista em Zubiri, jesuíta, foi assassinado no dia 15 de novembro de 1988, juntamente com mais quatro companheiros jesuítas e duas senhoras, em San Salvador, El Salvador. Ele era reitor da Universidade Centro

O diálogo entre as religiões como alternativa para a humanidade

O choque de civilizações e a guerra de religiões não podem converter-se em leis da história. São, antes, uma construção ideológica do Império para manter o poder sobre a humanidade e, se nos descuidarmos, sobre as consciências de todos os cidadãos. O Império considera o Deus judaico-cristão como seu aliado e o cristianismo como sua religião, enquanto qualifica o islã como a civilização menos tolerante das religiões monoteístas. A alternativa não pode ser outra senão o diálogo entre as religiões, pois “sem diálogo, o ser humano se asfixia e as religiões se anquilosam” (Raimon Panikkar⁴³). E isso por várias razões. A primeira procede da história das religiões, que mostra a pluralidade de manifestações do sagrado, do divino e do mistério. A segunda emana da filosofia, que mostra o caráter dialógico do conhecimento e da razão: esta é comunicativa, não autista. A terceira tem sua base no enfoque intercultural: nenhuma cultura ou religião possui a verdade plena e exclusiva; é preciso buscá-la conjuntamente. O diálogo inter-religioso, em quarto lugar, constitui um imperativo ético para a sobrevivência da humanidade, a paz no mundo e a luta contra a pobreza. Em torno de cinco

Americana, em San Salvador, confiada à Companhia de Jesus. Ele e seus companheiros foram barbaramente assassinados por terem conseguido fazer da Universidade uma importante força social na luta pela promoção da justiça social. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴³ Raimon Panikkar: padre e teólogo, nascido em Barcelona, em 1918. Durante a sua carreira acadêmica teve a oportunidade de abordar diferentes tradições culturais. Publicou mais de 40 livros e 300 artigos de filosofia, ciência, metafísica, religião e hinduísmo. Atualmente é membro do Instituto Internacional de Filologia (Paris) e presidente do Vivarium (Centro de Estudos Interculturais da Catalunha). (Nota da *IHU On-Line*)

bilhões de seres humanos estão vinculados a alguma tradição religiosa e espiritual; caso se puserem em pé de guerra, o mundo se converteria num colosso em chamas, mas se se

comprometerem com a paz e a justiça, a humanidade será mais justa e pacífica. Por isso, a Aliança das Civilizações, o Diálogo Inter-religioso e a Aliança contra a Pobreza são propostas complementares.

Uma cultura do consenso

Por Reyes Mate

Traduzimos e publicamos o artigo a seguir, de autoria do filósofo espanhol **Reyes Mate**, e publicado no jornal **El País**, em 11 de setembro de 2005. Reyes Mate é professor e pesquisador do Instituto de Filosofia de Madrid. Estudou em Paris, Roma, Münster e Madrid e foi diretor do Instituto de Filosofia de 1990 a 1998. Pertence ao Conseil Scientifique du Collège International de Philosophie de Paris. Tem uma vasta obra publicada. Entre seus livros publicados citamos **Memoria de Auschwitz. Actualidad moral y política**. Madrid: Trotta, 2003; **Por los campos de exterminio**. Barcelona: Anthropos, 2003; e **Tolerancia y religión**, Barcelona: Anthropos, 2003. De Reyes Mates publicamos o artigo O outro da religião, na edição número 127 da **IHU On-Line**, de 13 de dezembro de 2004, e uma entrevista que realizamos com ele na 128ª edição, de 20 de dezembro de 2004. Reyes Mate estará na Unisinos durante o IX Simpósio Internacional da Associação Iberoamericana de Filosofia Política e VIII Colóquio de Filosofia Unisinos, de 19 a 21 de outubro. Os subtítulos são nossos.

Em setembro de 1993, se firmou, em Chicago, o manifesto *Princípios de uma ética mundial*. O parlamento das religiões do mundo, após constatar uma convergência mínima entre as confissões mais difundidas, entendeu que havia chegado a hora de delinear uma estratégia comum para fazer frente aos grandes problemas do mundo: a crescente pobreza, a fome, crianças que são assassinadas e que assassinam, a corrupção política, o saque do planeta, o crime organizado, os conflitos étnicos... O projeto de uma Aliança de Civilizações não tem certamente melhor precedente que o colossal esforço que supôs a gestação deste manifesto. É bem verdade que o terrorismo não está no centro de suas atenções, mas tampouco ausente. Os quatro princípios que devem servir de marco para essa

ética mínima dão disso testemunho: a não-violência e o respeito a toda vida; a solidariedade numa ordem econômica justa; a tolerância e uma vida vivida com veracidade; a igualdade de direitos e a fraternidade entre homens e mulheres. Por pouco que se avance nas causas do terrorismo, nos encontraremos com esses mesmos problemas – violência estrutural, intolerância, injustiça ou desprezo do direito – e as respostas não serão muito diferentes.

A falência de um manifesto

Daquele “sinal de esperança”, como disseram os que o assinaram, não resta quase nada. A ONU acaba de nos recordar que as desigualdades sociais aumentaram durante a última década, para não falar da insegurança no mundo após os atentados de Nova York, Madri e